

a música entre os gregos

E' bem estranho pensar-se que, entre os gregos, enquanto a poesia, a pintura, a escultura e a architectura tinham atingido os mais altos cumes, a música estava ainda na infância.

Não conheciam a harmonia nem mesmo a melodia tal como a concebemos; todo o interêsse musical residia, para êles, nas combinações rítmicas e sua concordância com a prosódia; a música era a humilde serva da poesia; antes uma espécie de dicção ritmada e salmódica que devia combinar-se bem com a imobilidade da fisionomia da máscara trágica. Quanto aos instrumentos, o seu único papel era guiar e sustentar a voz do declamador, dar-lhe o tom e acentuar formas rítmicas.

Na Grécia, a música nunca estava separada da poesia e era quasi sempre acompanhada da dança; a bem dizer, as três artes reunidas faziam apenas uma, de grande intensidade de expressão. Os mesmos personagens que formavam o côro cantavam com palavras ritmadas e dançavam simultaneamente. Era a êste conjunto que chamavam *música*, a Arte das Musas.

Parece extraordinário que povos que possuíam flautas *duplas*, trombetas *duplas*, harpas e liras *com numerosas cordas*, nunca tivessem pensado em fazer ouvir dois sons ao mesmo tempo e que não tivessem descoberto a harmonia, nem sequer por acaso, tendo de resto o sentido artístico tão desenvolvido. A êste respeito levantaram-se numerosas controvérsias.

Ora nenhum texto faz menção do emprêgo por êles de sons simultâneos e, coisa ainda mais concludente, os orientais dos nossos dias, embora possuindo, êles também, instrumentos capazes de produzir acordes, tendo, pelo contacto com a civilização europeia, o exemplo do nosso sistema, continuam apegados à música simplesmente melódica e ritmada. E' necessário, pois, admitir que os gregos praticavam exclusivamente a homofonia que bastava às suas necessidades, verificando-se, uma vez mais, que a verdade nem sempre é o verosímil.

E' por escritos de filósofos como Pitá-

goras (540 a. C.), Platão (430 a. C.), Aristóteles e Aristóxene (século IV) que temos uma vaga noção do que podia ser a música dos gregos; o que é certo é que êles conheciam o semi-tom, o tom, dizem alguns que o quarto de tom e possuíam três sistemas: diatónico, cromático e sub-harmónico. A extensão da sua escala geral era de cerca de três oitavas, correspondendo aos limites da voz humana. Tinham numerosos *modos*; cada um constituía uma escala diversa que dividiam em duas metades chamadas *tetracórdios*. A sua denominação e mesmo o número, varia segundo os autores; eis a lista dos *modos* segundo Alypius (século IX):

Grandes	{	Hipo-dório	Médios	{	Dório	Agudos	{	Hiper-dório
		Hipo-jónio			Jónio			Hiper-jónio
		Hipo-frígio			Frígio			Hiper-frígio
		Hipo-eólio			Eólio			Hiper-eólio
		Hipo-lídio			Lídio			Hiper-lídio

Sabemos também o número das cordas da lira; a série seguinte corresponde a uma escala descendente:

Mi.	Neta	}	2.º Tetracórdio
Ré.	Paraneta		
Dó.	Trita		
Si.	Paramesa		
Lá.	Mesa (som central)	}	1.º Tetracórdio
Sol.	Lichanos		
Fá.	Parhipata		
Mi.	Hipata		
Ré.	Proslambanómene, a corda acrescentada.		

Para o solfejo empregavam as sílabas *té, ta, té, to*, que se applicavam indiferentemente a todos os tetracórdios.

Emfim possuíam um sistema muito complexo de notação, formado com letras do seu alfabeto modificadas, deitadas, invertidas e que variavam conforme se tratava da voz ou de instrumentos. Foi assim que chegaram até nós alguns raros hinos ou fragmentos cuja tradução, no estado actual dos nossos conhecimentos, é infelizmente das mais incertas.